

Transmissões da FEB: homens e equipamentos que fizeram história

Israel Blajberg ^a

Resumo: Dissertar sobre as comunicações no Brasil do pós-guerra traz a luz obrigatoriamente a atuação do pessoal militar especializado, seja da ativa ou da reserva, oriundos das três forças singulares, e com natural predominância quantitativa do Exército, dado o seu maior efetivo geral e setorial. Foi relevante a atuação destes pioneiros da área militar. O presente estudo discorre sobre as origens da Arma de Comunicações no Exército Brasileiro, cujas raízes remontam à Missão Militar Francesa e à Companhia de Transmissões da Força Expedicionária Brasileira.

Palavras-chave: Comunicações, Telecomunicações, História Militar

INTRODUÇÃO

Arrostando o intenso frio do inverno italiano e o fogo inimigo, eles lançavam sobre a terra gelada as linhas que garantiam as comunicações da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Numa época em que a Internet e os celulares sequer eram sonhados, os poucos bravos da Companhia de Transmissões do Batalhão de Engenharia escreve-

ram páginas de glória da História Militar contemporânea.

Lançando linhas telefônicas e estabelecendo enlaces via rádio, provaram-se a altura da epopeia vivida pelo Marechal Rondon ao construir as primeiras linhas telegráficas na Hileia Amazônica, ele que mais tarde seria consagrado Patrono da Arma de Comunicações do Exército Brasileiro.

Queremos aqui trazer uma modesta contribuição aos estudio-

^a Engenheiro e professor. Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



tos da participação do Brasil na 2ª Guerra Mundial, no que concerne as ações da ulterior e novel Arma do Comando, principalmente as novas gerações, já agora sob a perspectiva de 7 décadas passadas, considerando que a literatura sobre as Transmissões da FEB, ao que nos parece, é menos abundante que aquela dedicada as demais operações no Teatro de Operações Italiano.

Mas nem só no combate a Companhia se provou eficiente. Numa época em que o verdadeiro feito da comunicação internacional era monopólio de companhias estrangeiras, através de pouquíssimos canais viabilizados por enormes campos de antenas HF, o Serviço de Transmissões do Exército já realizava transmissões internacionais entre o Brasil e a Itália, para a época, um notável feito tecnológico.

Este trabalho procura também fazer justiça a homens que voltando ao Brasil, muito deram de si na tarefa de erguer este que é hoje o moderno e eficiente Sistema Brasileiro de Telecomunicações, seja

nas lides militares das Unidades de Comunicações, seja na vida civil integrando equipes pioneiras de planejamento e implantação.

O Brasil e as Telecomunicações Brasileiras muito devem a estes idealistas, na guerra e na paz. De Rondon à Empresa Brasileira de Telecomunicações (EMBRATEL), passando pela FEB – Soldados das Telecomunicações, os responsáveis pela notável epopeia de interligar o Brasil do pós-guerra, sob a inspiração e o exemplo de Rondon, grande brasileiro e pioneiro na construção das linhas telegráficas na Amazônia, o Marechal da Selva - Eternizar a memória das Transmissões da FEB é a melhor homenagem que se poderia prestar.

AS TRANSMISSÕES MILITARES

Em suas origens, as comunicações militares foram historicamente denominadas Transmissões, do francês *Transmission*, sob a influência da Missão de Instrução Francesa, que, como resultado do



acordo Brasil-França, nos trouxe uma grande experiência oriunda da sua vitória na 1ª Guerra Mundial (1914-1918).

As Transmissões eram atribuições orgânicas das Unidades de Engenharia. Os equipamentos eram operados por telegrafistas, a maioria preparada no Departamento de Correios e Telégrafos, em empresas civis e na Escola de Transmissões de Deodoro. O processo de modernização do Exército Brasileiro no período entre as duas Guerras Mundiais permitiu um primeiro impulso no avanço das telecomunicações.

Paulatinamente, redes próprias foram interligando cidades-sede de unidades. As redes administrativas eram fixas, e as redes operacionais tinham certo grau de mobilidade, sendo móveis ou semimóveis, a fim de acompanhar o deslocamento das tropas. O material era essencialmente importado e de baixa capacidade.

A Arma de Comunicações seria criada já depois da guerra, aos 25 de agosto de 1956, com a sanção da nova Lei de Organização

Básica do Exército. Sua organização seria definida apenas em 1959, e a regulamentação fixada em 1960, sendo criados os Batalhões de Comunicações Divisionários (B Com Div) e Companhias de Comunicações (Cia Com), e o impulso dado a Fábrica de Material de Comunicações e ao Serviço Rádio do Exército, com pessoal militar específico da nova Arma.

UNIDADES DE TRANSMISSÕES

Desde o Império já havia atividades de transmissões nas unidades da Arma de Engenharia, os antecedentes da moderna Arma de Comunicações.

Em 1915, uma rede de estações radiotelegráficas foi formada com estações na Companhia de Telegrafistas, e outra em Niterói, atendendo aos fortes. Foi a rede que mais tarde daria origem ao Serviço Radiotelegráfico Geral do Exército, e, posteriormente, ao Serviço Rádio do Ministério da Guerra.



A vinda da Missão Militar Francesa em 1919 trouxe inovações na área. Em 1921 foi criado o Serviço Rádio do Exército, a primeira organização militar (OM) de Transmissões, subordinada à Diretoria de Engenharia. Em 1924, foi criado o Centro de Instrução de Transmissões, sob direção de oficiais da Missão Francesa, de cuja evolução futura resultou a atual Escola de Comunicações (EsCom).

Na década de 1930 as transmissões sofreram reformas com a criação da Diretoria do Serviço Telegráfico, tendo como órgãos subordinados: o Serviço Rádio do Exército, os Serviços de Transmissões das Regiões e Circunscrições Militares, a Companhia Telegráfica do Exército (Organização Militar de Tropa), o Depósito Central de Material Telegráfico e o Centro de Instrução de Transmissões (CIT).

A Diretoria do Serviço Telegráfico, acompanhando a evolução do Exército, teve o seu nome mudado para Subdiretoria de Transmissões (16/02/1938), para Diretoria de Transmissões (10/03/1943) e,

finalmente, para Diretoria de Comunicações (1953)

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES

Existe um grande paralelo entre a história das Comunicações do Exército Brasileiro (EB) e a história da EsCom, que data de 1921, quando foi criado, na Vila Militar o Centro de Instrução de Transmissões da 1ª Região Militar (RM), embrião da atual Escola de Comunicações, denominação esta que data de 1953.

A Escola de Comunicações foi comandada por alguns nomes ilustres, que passaram a história das telecomunicações brasileiras, dentre eles:

- Cel Higino Caetano Corsetti, instrutor de Comunicações na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e, mais tarde, Ministro das Comunicações;

- Gen Kleber Rollim Pinheiro, foi Diretor Geral do Departamento Nacional de Telecomunicações (DENTEL);



- Cel Nelson Souto Jorge, presidiu a Companhia Telefônica Brasileira (CTB) ao longo de momentos difíceis, como as obras do Metrô que causaram inúmeros e extensos acidentes na Rede Externa.

1º BATALHÃO DE COMUNICAÇÕES DIVISIONÁRIO (1º B Com Div)

Unidade tradicional, o 1º Batalhão de Comunicações Divisionário, cujas origens remontam a 21 de agosto de 1945, data em que foi criada a Companhia Escola de Transmissões. Em 1966, foi transformada em 1º Batalhão de Comunicações. Dentro da política de remanejamento das unidades, em 1993, o 1º B Com Div teve sua sede transferida do Rio de Janeiro para Santo Ângelo-RS. Em 13 de outubro de 2000, foi-lhe concedida a denominação histórica de "Batalhão General Mário da Silva Miranda", uma justa homenagem ao comandante da 1ª Companhia de Transmissões da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária e ilustre

integrante da Arma de Comunicações.

FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA (FEB–1942/1945)

No período pré-guerra já operavam Companhias Independentes de Transmissões com sedes nas diversas Regiões Militares, com Seções de Construção de Linhas e outras. Tais unidades possuíam até pombais. Na época era relativamente comum o esporte do pombo-correio, havendo associações de columbofilia disseminadas pelo Brasil

Uma das unidades mais importantes era o Batalhão Villagran Cabrita, situado na Vila Militar. Embora tivesse o nome do patrono da Engenharia, originalmente era um Batalhão de Transmissões, com três Companhias de Transmissões e mais uma Companhia Extra.

Ao ser formada a FEB, o Batalhão estava passando da situação de hipomóvel para automóvel, o que ademais ocorria também com a Artilharia, onde as baterias de arti-



lharia de dorso Schneider 75mm (peças desmontáveis transportadas por muares) e baterias hipomóveis Krupp 75mm davam lugar a uma nova geração de obuses de 105 e 155mm autorrebocados, como o

panema, que até hoje comemora o feito de 14 de setembro de 1944, quando foram estabelecidas as primeiras transmissões radiotelegráficas intercontinentais da FEB na Itália para o Rio de Janeiro,



Oficiais e alunos da Escola de Transmissões em 1951

Regimento Floriano, unidade FEBiana sucedendo o antigo 1º Regimento de Artilharia Montada.

Hoje, este Batalhão situa-se em Santa Cruz, e na Vila Militar temos o Batalhão Escola de Comunicações - Batalhão Barão de Ca-

durante a 2ª Guerra Mundial,

Analisando ainda que de modo sintético o papel das Transmissões da FEB, descobre-se o início dos caminhos mais tarde trilhado por alguns de seus integrantes, que ocuparam cargos importantes na



esfera do Ministério das Comunicações e no setor privado. Aliás, diga-se de passagem, tal não foi privilégio do pessoal das Transmissões, de vez que diversos FEBianos de outras armas também vieram a se tornar figuras de destaque.

Para cumprir a sua missão, a Companhia de Transmissões contava com 10 oficiais e 212 praças, e equipamentos de dotação da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE): 730 telefones de campanha, 600 rádios, 55 criptógrafos e 4 teletipos.

Eram os seguintes os Oficiais de Engenharia afetos às Transmissões:

- Major Arnaldo Augusto da Matta, Chefe do Serviço de Transmissões da DIE;

- Capitão Mario da Silva Miranda, Comandante da Companhia;

- 1º Ten Hélio Richard;

- 1º Tenente Marcelo de Mena Barreto de Barros Falcão;

- 1º Tenente Gernes da Silva Costa;

- 1º Tenente Antônio Carlos Sequeira;

- 1º Tenente Osvaldo Siqueira, Intendente;

- 1º Tenente Hervê Berlandez Pedrosa;

- 1º Tenente Afrânio Viçoso Jardim;

- 2º Tenente Aristides Pereira de Morais.

Os 1º Tenentes Gernes da Silva Costa, Comandante do Grupo Telefônico-Telegráfico, e Afrânio Viçoso Jardim, do Serviço de Transmissões da 1ª DIE, foram feridos em 04 de janeiro de 1945 por estilhaços de obus de artilharia inimiga, que explodiu próximo ao jipe em que viajavam na região de Porreta Terme. Foram evacuados para tratamento de saúde nos EUA.

A 1ª Companhia de Transmissões da 1ª DIE teve mais 12 homens feridos, e os seguintes mortos em campanha:

- 2º Sargento Assad Feres – Radiotelegrafista;

- 3º Sargento Geraldo Santana – Radiotelegrafista;

- Soldado Miguel Francisco Dias – Serviços Gerais;



- Soldado Ulpiano dos Santos – Motorista e Agente de Transmissões.

Entre os Soldados das Telecomunicações da FEB, que mais tarde ingressaram no setor civil, podemos referenciar os que seguem:

- 2º Ten de Artilharia Gustavo Nilo Romero Bandeira de Mello, que na FEB serviu no Grupo de Artilharia, formando-se posteriormente em Comunicações pela Escola Técnica do Exército (EsTEx, atual Instituto Militar de Engenharia), e ao passar para a reserva, como general, foi um colaborador muito próximo do Gen Alencastro, Presidente da TELEBRÁS, tendo sido ainda um dos fundadores do Curso de Engenharia de Telecomunicações da Universidade Federal Fluminense.

- Cap de Artilharia Francisco Augusto de Souza Gomes Galvão, posteriormente Gen Bda ao passar para a Reserva, tendo presidido a

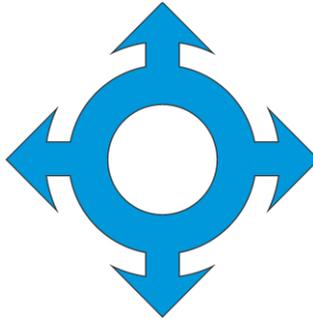
EMBRATEL durante a implantação do sistema básico da empresa.

- 1º Ten de Engenharia Helio Richard, declarado Aspirante a oficial pela escola Militar do Realongo em 1942, tendo cursado a

Eastern Signal Corps School (EUA). Foi, durante toda a Campanha, o subcomandante da Companhia de Transmissões da 1ª DIE. Após a FEB, formou-se pela EsTEx em 1949. Ainda

na Ativa, como coronel, exerceu a função de chefe do DENTEL em 1964. Na Reserva, como Gen Bda, integrou os quadros de engenharia da Petrobrás e da Embratel.

- 1º Ten de Engenharia Hervê Berlandez Pedroza, especialista em rádio do Exército, motivo que o levou a integrar a FEB, na qual coube-lhe comandar o Destacamento de Transmissões, com atuação destacada nas ligações da FEB com o Brasil, via rádio. Após a FEB, diplomou-se em Engenharia de Telecomunicações em Stanford.





Como Major, foi Instrutor-chefe dos cursos de especialização de oficiais da então Escola de Transmissões. Passando para a Reserva no posto de coronel, continuou dedicando-se ao setor de telecomunicações, destacando-se nas funções de Secretário Geral do Ministério das Comunicações. Na sua gestão como Diretor de Telégrafos do DCT, foram instaladas sob a coordenação do Cel Jorge Marsiaj Leal as primeiras duas Centrais Telex a operar no Brasil (Rio de Janeiro e Brasília). Ao chegar na Itália, o Tenente Hervê, com a sua habilidade e conhecimento conseguiu modificar um equipamento rádio transmissor de pequena potência na faixa de 3 a 18 MHz SCR-399. Era um equipamento instalado numa carroceria de GMC de 2 1/2 toneladas 4x4, potência da ordem de 400 watts, com o qual, com muita habilidade, poderia transmitir da Europa para o Brasil.

Este transmissor SCR-399 que era operado pelo Tenente Aristides em telegrafia, transmitindo todas as mensagens da Itália para o Brasil, foi utilizado durante toda a guerra

para as Comunicações Itália-Brasil da Força Expedicionária Brasileira, e, posteriormente, na Estação Rádio PTA-2 (Batalhão Suez).

O início dos serviços de comunicação com o Batalhão Suez na Faixa de Gaza deveu-se, ainda, à antiga 1ª Companhia de Transmissões, então comandada pelo Cap Hervê Berlandez Pedroza, que recebeu a missão de instalar uma Estação Rádio no pátio central do Quartel-General (QG) em condições de se comunicar com os comandos das Regiões Militares do Exército.

A estação rádio SCR 399 era chefiada pelo 1º Ten Haroldo Corrêa de Mattos, que um dia viria a ser Ministro das Comunicações, e entre as praças, estava o então Sgt Antônio André, futuro Major André, grande ativista da Casa da FEB, onde ocupou diversos cargos, inclusive de Presidente do Conselho Deliberativo.

Era um serviço inestimável, depois prestado por uma RAD.400, com a ligação diária para o QG do Exército no Rio de Janeiro (a 16.000 km de distância), em grafia



e em fonia, de que toda a tropa se beneficiava.

A estação rádio PTA-2 de Rafah foi chefiada ao longo de 20 contingentes por diversos especialistas, dos quais aqui citamos alguns, nomes importantes da Engenharia Militar: José Antônio de Alencastro e Silva, depois Presidente da CETEL e da TELEBRAS, José Nunes Camargo, Nilo Chaves Teixeira, Helvécio Gilson, depois Presidente da EBT, e Olival Manovanelli Netto, Cap Alcio Barbosa da Costa e Silva, Maj Inf Wilson da Silveira Brito, 1º chefe da PTA-2, e responsável pela sua instalação na Faixa de Gaza. Maj Art Natalino da Silveira Brito, 2º chefe da PTA-2, sendo irmão do anterior. Cap Jorge Marsiaj Leal, 3º chefe da PTA-2, durante o período 1958-1959, e comandante do 3º Contingente do Batalhão Suez que integrava a Força de Emergência das Nações Unidas.

BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Antônio. *O Brasil na 2ª Guerra Mundial e as Comunicações da 1ª Divisão de Infantaria da FEB na Itália – 1944/45*. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2007.

BARONE, João. 1942. *O Brasil e sua guerra quase desconhecida*. São Paulo: Nova Fronteira, 2013.

CASTELLO BRANCO, Manoel Thomaz. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: BibliEx, 1960.

LAMARÃO, Benjamim da Costa. *As Comunicações Militares*. Rio de Janeiro: s/d.

MASCARENHAS DE MORAES, João Baptista. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: BibliEx, 2005.

OLIVEIRA, Euclides Quandt. *Renascem as Telecomunicações: construindo a base*. Rio de Janeiro: EDITEL, 1992.

SILVA, J. A Alencastro. *Telecomunicações: história para a História*. Rio de Janeiro: EDITEL, 1990.